A IMPORTÂNCIA DA RODA DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SILVIA MARIA GESINI ALONSO

Resumo:

A instituição infantil é o local onde cada vez mais ocorrem intervenções direcionadas a estabelecer produções de aprendizagens significativas buscando por ouvir a fala da criança. Para que o desenvolvimento da criança ocorra de forma integral a escuta deve ser uma prática considerada essencial no ambiente escolar. Ponderando que o ser humano é um sujeito que manifestada seus anseios a todo tempo, acredita-se que a escola seja um espaço, por primazia atento a escuta infantil. O presente estudo procura investigar a importância da roda de conversa na educação infantil, busca elucidar de que forma a roda de conversa constrói e ressignifica o conhecimento da criança e compreender como a roda de conversa coopera para formação de relações afetivas. A metodologia utilizada no trabalho é a análise bibliográfica, com fundamentos empregados em autores especialistas no tema, se alicerça também em documentos educacionais. Esta pesquisa é fundamentada em um estudo descritivo, que explana a roda de conversa para constituição de uma educação significativa e sensível a escuta da criança, permitindo o seu protagonismo na elaboração do seu processo de ensino. Partindo da proposição sobre a importância da parceria entre a família, a instituição escolar e docentes auxiliados com fundamentos teóricos que abordem os momentos de conversas como sendo uma ação fundamental para vida da criança seja no ambiente escolar ou cotidiano.

Palavras-chave: Criança. Roda de Conversa. Desenvolvimento. Escuta.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem a finalidade de explanar a roda de conversa no ambiente infantil como uma ação transformadora de modo a contribuir para o protagonismo infantil no mundo atual, valorizar seus conhecimentos e ampliar suas relações afetuosas.

[...] a construção de um campo dialógico e democrático, no qual a criança ganha vez e voz, mas que não fala sozinha, já que o adulto, parceiro e sensível às suas necessidades, estão com ela em diferentes momentos. Reconhece-se a criança como sujeito de direitos e ativos na construção de conhecimentos[...]". (BARBOSA;HORN, 2008, p. 33).

À vista disso, pare se obter um processo educativo integral e efetivo, é necessário refletir sobre a construção de um aprendizado pautado na contemporaneidade. Contudo, para que isto ocorra, uma escuta sensível e atenta ao fazer infantil, deve estar presente em todos os ambientes vivenciados pela criança. Sobre isso, Codo (1999) esclarece:

Se os alunos não se envolvem, poderá até ocorrer algum tipo de fixação de conteúdo, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa; nada que contribua para a formação destes no sentido de preparação para a vida futura, deixando o processo ensino-aprendizagem com sérias lacunas. (CODO, 1999, p.50).

O objetivo geral da pesquisa é investigar a importância da roda de conversa na educação infantil, como objetivos específicos: elucidar de que forma a roda de conversa constrói e ressignifica o conhecimento da criança e compreender como a roda de conversa coopera para formação de relações afetivas.

A justificativa desse tema sobreveio, pois, acredita-se que a escuta para a fala de uma criança, significa reconhece-la como sujeito ativo, que detém conhecimentos consideráveis e, é permeada de culturas e necessita ser reconhecida como cidadã que colabora para a formação de uma sociedade mais humana e justa.

Para melhor explanação sobre o tema abordado, o método do estudo será baseado em um conjunto de leis e documentos oficiais, no enfoque relativo à educação e em fundamentos bibliográficos em autores especializados neste assunto.

O primeiro capítulo do estudo ponderará sobre a infância na contemporaneidade tendo a criança como sujeito ativo. O segundo capítulo abordará a roda de conversa na construção e ressignificação do conhecimento. Por fim o último capítulo irá dissertar sobre a construção das relações afetivas por meio das rodas de conversas.

DESENVOLVIMENTO

O segundo capítulo irá elucidar como método de pesquisa, a análise bibliográfica, baseado em uma pesquisa qualitativa. O presente artigo contará com o apoio de dissertações, teses, artigos, livros e/ou documentos legais. No entanto, os sujeitos da pesquisa serão as crianças da educação infantil, que frequentam as escolas públicas e particulares.

Este capítulo discorrerá ponderações importantes sobre o tema escolhido, dentre os quais: A infância na contemporaneidade como sujeitos ativos, a roda de conversa na construção e ressignificação e o conhecimen-

to, a construção das relações afetivas através da roda de conversa.

2.1 A infância na contemporaneidade como sujeitos ativo

A atualidade contemporânea propiciou diversas mudanças na vida do indivíduo, interferindo em muitos aspectos dentre os quais se destacam os aspectos econômicos, sociais e psíquicos. Diante de tal constatação, é possível afirmar que muitas vezes a acessibilidade de adquirir um objeto desejado não é algo considerado difícil.

A tecnologia avançada, permite o acesso ilimitado a qualquer tipo de consumo, para isso basta um aparelho de comunicação ligado à internet.

Meira (2004, p.10), afirma "Os efeitos destas transformações sobre a subjetividade são relevantes na medida em que as formações do inconsciente que se desenham via linguagem são marcadas também pelos contornos do social. " Dessa maneira, a criança por estar no auge de sua maturação psíquica, é "inundada" pela fala da cultura capitalista, determinando uma nova infância no mundo contemporâneo.

Sabe-se que a infância atualmente é decorrência de uma constituição social, edificada por meio da cultura, comportamentos que a sociedade determina, afirmando que o ser humano está em constante busca para realizar seus desejos.

Para Volnovich (1991, p. 24) "a criança lacaniana é essencialmente uma criança inserida na estrutura, efeito da família, "desejo do Outro". Sendo que Lacan propõe em seus estudos que "o desejo inconsciente é o desejo do Outro", não existindo nenhuma possibilidade de poder ser gerado a partir de si mesmo". Assim, a criança é um indivíduo estruturado pelo feito familiar, ou seja, do desejo do outro, ponderado por conotações históricas e sociais. Em conformidade a isso, Dias e Freire mencionam que (2010, p.231):

O bebê, então, mesmo antes de nascer, está situado numa rede de discursos, a qual perpassa gerações e apanha tudo o que circula na família quanto as suas verdades, aos seus preconceitos, hábitos, ideias e ideais. É a mãe, ou quem cumpre com a função materna que sustenta ao infans uma imagem que lhe serve como referência para constituir-se subjetivamente e, consequentemente, produzir sua apreensão corporal. O olhar do Outro (olhar que a mãe sustenta no transcurso dos investimentos libidinais) opera como um espelho – em sua desideração reflexa – com o qual a criança vivencia sua identificação especular.

Desse modo, a criança quando nasce é adotada pela preleção do outro, suas precisões são auferidas pela mãe, como o pedido por cuidados através do choro. Esse processo ocorre por meio do outro, tornando se uma satisfação que não consegue ser satisfatória.

O mundo contemporâneo permeia a infância com modificações sociais ocorridas na sociedade, mediante isso, Koslowski (2009, p. 38), cita:

Falar da infância contemporânea é falar de certas transformações ocorridas nos últimos anos em vários setores, que em combinação com o acesso infantil a informação sobre o mundo adulto, tem mudado drasticamente a infância. Fala–se de "infância perdida", de "crianças que crescem muito rapidamente", do "isolamento de um lar e de uma comunidade fragmentados", de "crianças sendo assassinados por seus pais ou por bandidos", são os temas que dominam as conversas contemporâneas sobre as crianças.

A atualidade contemporânea, apresenta uma infância realçada em uma cultura capitalista e individual, adquirida em modelos que a sociedade fornece. Acredita-se que essa sociedade procura uma felicidade constante, busca por um sujeito vitorioso e que não aceite perder ou fracassar.

Por conseguinte, a infância contemporânea está atrelada pelas concepções da sociedade e pelo papel influenciador das mídias, que juntas interferem em suas relações sociais e domésticas. Koslowiski (2009, p. 43) ainda menciona que:

A subjetividade de um indivíduo diz respeito menos à identidade e mais a singularidade, isto é, à possibilidade de viver a existência de forma única, no entrecruzamento de diversos vetores de subjetivação. Subjetividade que não se situa no campo individual, mas no campo de todos processos de produção social e material, onde o indivíduo apresenta-se como um consumidor subjetividade. Sendo assim, não só a mídia, mas tecnologia na sua totalidade se coloca como os verdadeiros vetores de subjetivação.

Compreende-se que a mídia exerce uma função essencial na sociedade, visto que, é grande influenciadora na conduta humana, tornando a criança o principal foco, já que, a televisão é o meio mais utilizado pelos pequenos.

À vista disso, o que se percebe é uma "inundação" de marketing da felicidade, por meios dos objetos. A mídia produz um jogo onde os responsáveis oferecem as crianças o que elas almejam, em uma expectativa de sanar qualquer dor e garantir satisfação contínua. Sobre isso, Koslowiski (2009, p.44) .

É a mídia, a informação e o consumo invadindo nosso cotidiano. As crianças nascem situadas numa cultura. Cultura da imagem, cultura do consumo, cultura da tecnologia. Sendo assim, a construção da subjetividade das crianças se dá na relação com

os estímulos do mundo material que as circundam. Desse modo, desde muito cedo e com muita rapidez assimilam os valores que manipulam os indicadores sociais, quer dizer, não se consome os objetos em si, mas o que eles representam para as pessoas que os possuem.

Neste contexto, a principal justificativa para o consumo desenfreado, é a busca de satisfação instantânea, por artefatos designados como a tendência do momento, induzindo a criança a querer ou não brincar. Complementando isso Koslowiski (2009, p.81) ressalta:

Os padrões de consumo das crianças são fortemente influenciados pelas alterações culturais. Desde muito cedo se aprende que os objetos têm um valor simbólico, que determinam o seu lugar na sociedade. As culturas do consumo dirigidas diariamente às crianças, através das mídias, estimulam a compra e a posse como fonte de status. As crianças, além de serem influenciadas por seus grupos de pares, podem ser, às vezes, elas próprias influenciadoras. Visto que, é comum, adultos serem apresentados a determinados produtos por intermédios de seus filhos, mesmo quando há interesse direto pelo assunto, por estes permanecerem boa parte de suas vidas em frente à televisão ou outra mídia disponível.

É possível perceber as diversas façanhas das lojas para induzir o consumo das crianças, fazendo com que os responsáveis atendam aos apelos emocionais realizando a todo pedido.

Portanto, entende-se que o brincar e os brinquedos, são fatores essenciais e expressões infantis, todavia, a atualidade está permeada de uma cultura capitalista que utiliza o brincar como principal objeto de consumo.

Neste sentido, é imprescindível que o responsável pela criança, tenha consciência sobre a infância contemporânea e consiga ponderar o que de fato é necessário e o que é puramente consumismo embalado nas mídias sociais, já que, a cultura do consumo está claramente estipulada nas brincadeiras e, por conseguinte nas relações da criança.

2.2 A roda de conversa na construção e ressignificação e o conhecimento

Para que a roda de conversa se torne um artifício ressignificativo, é necessário que o docente observe e escute os interesses e anseios das crianças. Para tanto, subsidiar estímulos e uma diversidade de repertórios, são imprescindíveis para tornar esta ação tão favorável ao processo de ensino. De acordo com Rojas, Souza e Cintra (2008):

Faz-se necessário, no contexto escolar, de um profissional que acredite na mudança, nas possibilidades, nas ambiguidades, que ouse, que invente, que faça, que se refaça no cotidiano, refazendo sua postura ante sua experiência. A educação grita desesperadamente à procura de pessoas comprometidas com seu caminhar e pessoas que se admiram desse processo, que admiram a vida, que admiram o próprio processo de educar, pessoas acima de tudo competentes, coerentes, perseverantes, que acreditam nos sujeitos, nas mudanças, enfim, na educação. (ROJAS, SOUZA, CINTRA, 2008, p. 31).

A atualidade educacional, principalmente a educação infantil, precisa de um olhar aguçado, que protagonize a ação infantil. Para a construção de um processo de aprendizagem que contemple a demanda cotidiana e social dos pequenos, o docente, familiares e a sociedade, devem caminhar juntos, visto que, é a partir das vivências infantis que a criança constrói sua formação.

Conforme Quinteiro (2002, p. 21), "pouco se conhece sobre as culturas infantis, porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças". Neste sentido, a roda de conversa exerce um papel crucial a comunicação entre o adulto e a criança, já que é neste momento que a troca de conhecimento e as vivências são expostas.

Valorizar o papel ativo da criança, o seu lugar no mundo e o seu contexto vivido, é primordial para que ela desenvolva seus aspectos sociais, históricos e culturais, pois, são fatores predominantes para definir sua posição na sociedade. Dar luz a escuta infantil, significa permitir a criança produzir sua própria cultura e atuar nos diversos ambientes que os cercam. Sobre isso, Sarmento (2007), complementa: "[...] tempo das crianças é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido[...]" (SARMENTO, 2007, p. 120).

Sabe-se que a criança é produtora de cultura infantil capaz de expressar desejos e anseios e, consequentemente, consegue protagonizar de diversas maneiras, brincadeiras e representações sociais.

Desse modo a roda de conversa, coopera para ampliar a atuação da criança em diferentes tempos e espaços, permitindo a tomada de decisões e até resolução de problemas."[...] as histórias que nos fazem únicos e 'irrepetíveis'. Unicidade incerta, pois se compreendo com palavras que, antes de serem minhas, foram e são também de outro, nunca terei certeza se estou falando ou se algo fala por mim [...]". (GERALDI, 2005, p. 22).

Posto isto, é função do educador adotar uma escuta sensível no âmbito escolar, porquanto, tal prática ajuda a criança a expressar suas opiniões, respeitar o outro e a criar vínculos afetivos por todos que estão a sua volta. Ao protagonizar no ambiente escolar, a criança aprende a respeitar as diferenças e a se colocar no lugar do outro.

A roda de conversa, permite que o professor utilize singular, de modo que analise os atos das crianças, conseguindo traçar percursos que tornem a aula instigante e tendo a criança como protagonista.

Círculos de Cultura, proporcionam momentos de fala e de escuta. Para Freire (1983) os Círculos de Cultura são o diálogo, é a pronúncia do mundo, ou seja, é o processo de ler o mundo, problematizá-lo, compreendê-lo e transformá-lo. É um diálogo, em que o pensar do educador somente ganha autenticidade, na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação[...] (FREIRE, 1983, p.64).

Dessa maneira, é possível constatar que uma atuação pedagógica eficaz utilizando a roda de conversa como artifício transformador, permite ao desenvolvimento infantil uma aprendizagem significativa, por conseguinte a criança se torna sujeito do seu processo educacional.

Ao propor a roda de conversa, é imprescindível que o docente especifique o tema, ou até mesmo permita que as crianças sugiram sobre o que desejam discutir. Neste momento a fala e experiências devem ser os principais desígnios da roda de conversa, pois, as dúvidas que surgirem poderão ser sanadas até pelas próprias crianças.

Em conformidade com Sarmento (2007), a roda de conversa possibilita as crianças a interpretação de suas experiências e do convívio social.

A infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. Nessa ação estruturam e estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância" (SARMENTO, 2007, p. 36).

A definição de infância e de mundo, sofre muitas interferências do adulto, que por muitas vezes não se atenta as expressões infantis e estabelece os próprios padrões, deixando de lado os desejos e necessidades dos pequenos.

À vista disso, é fundamental ter uma escuta atenta a fala da criança, pois, dessa forma, ela poderá se tornar um indivíduo crítico capaz de realizar ponderações concisas de seu mundo.

Diante desse contexto, considerar a criança como sujeito de direitos e buscar por momentos protagonistas em seu processo de aprendizagem, é dar relevância ao lugar da infância na atualidade.

No Círculo de Cultura trabalha-se com relações entre pares, em círculo, olho no olho, partilhando e contrapondo entendimentos, compreensões diferentes numa construção coletiva de soluções. Superam-se e evitam-se as relações de "ensinação", que fazem com que no grupo um fale e os outros ouçam submissamente. No Círculo de Cultura todos aprendem e ensinam. Esta metodologia exige respeito e reconhecimento da contribuição do outro e dialogicidade (BRASIL, 2006, p.39).

Um ensino baseado em atividades que enfatizam a troca, a constituição coletiva do conhecimento, significa criar caminhos para uma educação justa e capaz de modificar a sociedade tornado-a mais coerente e justa. Arendt (2003), elucida: "[...] além do papel de agentes no nível micro social, as crianças também são importantes no nível macro histórico, nos modos como sua participação e ação contribuem para trazer a novidade para as sociedades[...]". (ARENDT, 2003, p. 65). Logo, práticas pedagógicas pautadas em uma comunicação clara e sensível, irá permitir que a criança constitua valores como o respeito as diferenças, participação ativa no processo de ensino e a construção de relações mais equilibradas. Posto isto, é função da família, sociedade e escola, possibilitar as novas gerações a criação de um mundo mais igualitário e humano.

2.3 A construção das relações afetivas através da roda de conversa

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas, tem desejos de estarem próximas as pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente, ampliando dessa forma suas relações sociais e a comunicação. Sendo assim as crianças, se sentem cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos, cujas compreensões da realidade são diversas (BRASIL, 1998, p. 21).

Conforme vai crescendo, a criança amplia suas habilidades emocionais e intelectuais, e isso a ajuda expandir cada vez mais suas relações, mediante a isso, inseri-la em um ambiente afetivo, significa criar uma ponte para construção do seu desenvolvimento, experiências sociais e compreensão do mundo em que vive. Para Saltini (2008, p. 69).

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo intima com ele, bem co mo uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e coloca-las ao serviço de sua própria vida.

A relação construída entre o docente e a criança, deve ocorrer em toda sua inteireza, ou seja, de forma integral de modo que permita ao aluno reconhecer suas emoções, por conseguinte, os laços afetivos se estenderão

para os demais colegas de sala e suas relações cotidianas.

Nesse contexto, Freire (2010, p. 12) corrobora:

É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem [...], sem a capacidade, forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blamente, que estudamos, ensinamos conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com emoções, com desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional.

Um processo de ensino transformador, pode ser analisado como uma ação complexa, visto que é uma conexão de ordens sociais, políticas e econômicas, por conseguinte, se torna uma missão a ser vencida, nesta subsequência o olhar sensível do educador é essencial para constituir relações afáveis, fator imperativo a vida do educando. Segundo Luckesi (1984, p. 213):

O desenvolvimento do educando pressupõe o desenvolvimento de diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver. Educação tem que ser não o que pensar, mas sim como pensar. Para que isso ocorra com nossas crianças devemos propiciar um ambiente alegre, feliz e que possui um espaço para dialogar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde a espaço para construção de conhecimento significativo.

Interações sociais estão carregadas de afeição e isto deve estar apoiado com os métodos de aprendizagens. A relação entre professor/aluno necessita estar ajustada em técnicas afáveis, visto que, humanizar a educação, contribui para uma sociedade reflexiva e igualitária.

Segundo Rossini (2001, p.16) "se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometido, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente da idade, sexo e cultura.". Assim, acredita-se que o afeto é crucial na vida de todo sujeito, independentemente de sua idade ou cultura.

A roda de conversa contribui nas relações afetivas de modo a cooperar para que a criança se desenvolva continuamente e adquira autoconfiança. Neste contexto é essencial que o docente estabeleça uma junção entre o ensino e a afabilidade, pois, são conexões fundamentais para o processo de construção do aluno.

Conforme Galvão (1995, p. 64) "As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costumase substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos.

Todavia, não o são. " Em conformidade com o autor, o afeto é um aspecto mais completo, onde diversas manifestações se agregam.

Para Mahoney e Almeida (2007) fundamentadas em Wallon, a afetividade: "refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo exterior e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis" (2007, p.17). A afetividade está presente em todo tipo de relação, ocasionando uma forte influência na vida do indivíduo, dentro desse ponto de vista a afabilidade se torna indispensável as intenções pedagógicas.

Sabendo que o sujeito inicia sua vida desde de muito cedo ao mundo escolar, acredita-se que é função categórica do docente constituir o processo de ensino engajado de amorosidade, ou seja, a relação entre professor/aluno, assume posição pertinente ao ambiente escolar, de quem ensina e de quem aprende, tornam-se indivíduos cotidianos.

Gadotti (2003, p. 13) elucida"[...] ajudem seus alunos a tornarem-se humanos. E conclui: ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas". Diante disso, é notório alegar que o conteúdo unicamente disciplinar, não suficiente para a constituição do sujeito para o seu desenvolvimento e consequentemente inseri-lo na sociedade, o que de fato modifica a vida de um indivíduo, são relações completas. No que se refere à educação, essa mediação deve ser reflita e planejada pelo educador.

Para Vygotsky (1996), quando se compreende embasamentos afetivos, é possível obter a percepção humana. Partindo desse contexto, o desempenho docente precisa estar em constante reflexão, já que sua ação mediadora vai além de conduzir conteúdo. Contudo, mediar relações "é processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação: a relação deixa então de ser direta e passa ser mediada por esse elemento" (OLIVEIRA, 1997, p.26).

Segundo Freire (1982, p. 95) "[...] a educação, não importando o grau em que se dá, é sempre uma certa teoria do conhecimento que se põe em prática. " Assim, ao praticar uma educação afetuosa, o fazer docente torna-se indispensável, já que é nesta ocasião que se consolida os vínculos sociais, tornando o ensino mais humano e prazeroso.

De acordo com Piaget (1978), o indivíduo aprende por meio de experimentos vividos com objetos em distintas circunstâncias, mediante a isso, diversificar o repertório pe-

dagógico torna a ação docente perspicaz a vida educacional.

Vygotsky (2003, p. 121) elucida "As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. " O ato de educar não pode se limitar a transmitir conteúdo, mas auxiliar o indivíduo a se conscientizar sobre si e o outro. Subsidiar múltiplos instrumentos para que o aluno consiga eleger sua trajetória, corroborada com seus ideais e possíveis anseios que fazem parte da existência humana.

Para Tassoni (2008, p. 227) "o trabalho que o professor realiza concretamente como ele interage, como trata o conteúdo, que tipo de atividades utiliza como corrige como avalia etc. Influenciará a construção dessa relação". A ação docente, deve contemplar os diversos aspectos humanos, visto que, sua atuação poderá influenciar todo o processo de aprendizagem do aluno

Wallon (1999, p. 90) "considera essencial a influência social, pois, ela estabelece um vínculo maior entre os indivíduos a fim de suprir a articulação cognitiva nos anos iniciais de vida de cada indivíduo".

Portanto, é fundamental que o ambiente escolar promova interações favoráveis ao desenvolvimento do aluno e, a roda de conversa mediada pelo olhar sensibilizador docente, é uma ferramenta pedagógica crucial para as relações sociais da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi realizada através de um estudo bibliográfico, onde enfatizou a importância da roda de conversa na educação infantil para o desenvolvimento da criança como um ser completo.

Este trabalho teve a finalidade de assinalar as várias formas que este tema coopera a espera educacional, ressalta a valor de um olhar sensível na atuação em sala de aula e de como a roda de conversa propícia as crianças um processo de aprendizagem significativo apropriado para ser levado ao longo de suas vidas. A problemática dissertada neste estudo foi compreender sobre as contribuições da roda de conversa para o ambiente escolar, de modo a contribuir para o ensino e a fortalecer as relações afetuosas.

Após pesquisar o estudar o tema elucidado nos autores referidos, pode se abranger que o aspecto comunicativo que a roda de conversa representa, está proferido a elementos imprescindíveis em todas as relações, sendo profissionais, pessoais ou familiar, além de se legitimar a todo momento da vida do sujeito, independentemente de sua idade, classe cultural e social.

Por decorrência, a roda de conversa possui grande valor para a concepção cognitiva e intelectual do indivíduo, que é permeada por diversas sensações e, por meio desses sentimentos, ocorrem o autoconhecimento, a relação com o outro, ampliação da memória, linguagem, fantasias e novas experiências.

Promover a roda de conversa no âmbito escolar, consente ao sujeito enfrentar desafios, lidar com situações atípicas e a compreensão de regras com mais facilidade.

Por consecutivo, está pesquisa ocasionou o entendimento a roda de conversa como sendo um tema importante para ser inserido nos conteúdos aplicados a educação.

Com este estudo, pode se concluir que a roda de conversa é um valioso utensílio no que se menciona à obtenção de novos saberes na esfera escolar, sendo considerada muito efetiva para o crescimento cognitivo, social, emocional da criança.

Espera-se que o estudo venha a cooperar para a orientação de todos os profissionais que almejam trabalhar de forma transformadora na educação.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Caderno 6. Programa nacional de fortalecimento dos conselhos escolares: conselho escolar como espaço de formação humana: círculo de cultura e qualidade da educação. Brasília, 2006.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Projetos pedagógicos na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CODO, W; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (coord.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DIAS, A. M. S.; FREIRE, K. S. O corpo marcado pela palavra. In: DRUGG, A. M. S.; FREIRE, K. S.; CAMPOS, I. F. A. (orgs.). Escritos da clínica. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2010. DOR, J. Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In. BRANDÃO, C. R. (org.) O educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. Pedagogia do Oprimido. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, K. S. À procura de um sujeito. In: DRUGG, A. M. S.; FREIRE, K. S.; CAMPOS, I. F. A. (orgs.). Escritos da clínica. Ijuí: Ed. UNIJUÍ,